

“B.R.T.”

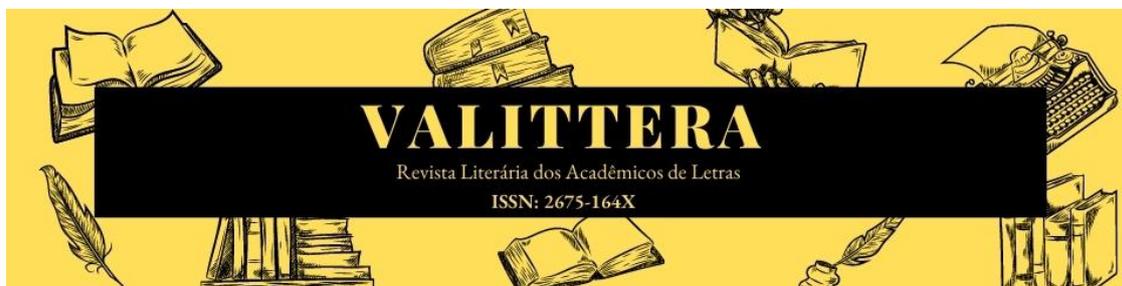
Edson José Rodrigues Júnior¹

Ele estava desempregado havia tanto tempo que quando chegava em qualquer lugar, fosse na agência ou na roda de pagode, já se apresentava como Ivanildo Santana, ensino médio completo, habilitação B, proativo e rápido para aprender. Possuía experiência assinada em carteira. Mesmo assim nunca conseguiu nada fixo nem na base da insistência nem com as promessas que Dona Zélia fazia a N. Sra. da Conceição. Recessão apocalíptica assolando o Brasil, governo de Pernambuco falido e cachorro comendo cachorro nas ruas do Recife, quem era Ivanildo Santana na fila do desemprego para almejar uma tão cobiçada vaga de vigilante ou porteiro? Emprego era artigo de luxo, não comódite.

Para encher a cacimba de farinha no período pós-colapso, ele fez de tudo: entregas em aplicativos de comida, logística, farmácia e até de entorpecentes num certo fórum da deep web, segurança privada – extraoficial – contra saqueadores e militantes da UCON metidos a Robin Hood, transporte e despejo de cadáveres e exumação de covas coletivas. Tinha gente pagando uma nota preta para reaver entes mortos perdidos nas estatísticas, não que ele visse um por cento sequer desse dinheiro, mas ouviu certa vez um colega comentando na traseira do caminhão abarrotado de defuntos.

Nunca ficou mais que alguns meses em cada um dos jobs, pois a diária era baixa e a rotatividade de pessoal, alta. Para cada um que estava dentro do esquema havia cem de fora querendo entrar e aceitando receber metade da metade da metade. De dezoito meses para cá é que a coisa tinha ficado ruça de vez. Estava sem nada: sem emprego, sem dinheiro, sem perspectiva, sem futuro. Tudo o que tinha era a magra pensão da mãe aposentada, um quartinho no moquifo dela e o ódio que sentia de tudo e de todos. Culpados não faltavam e

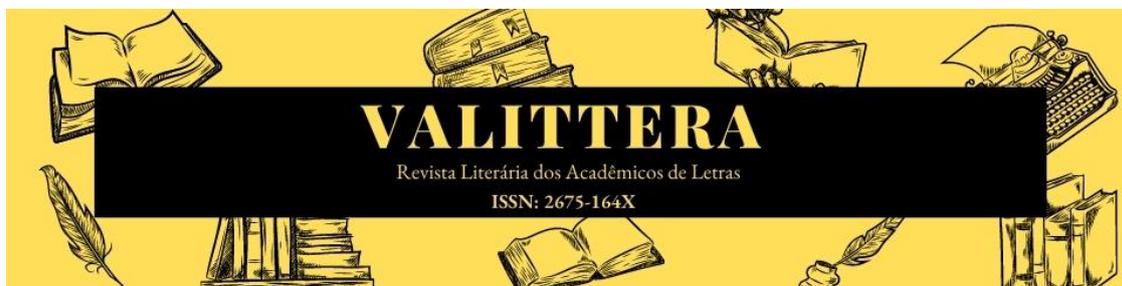
¹ E-mail: edsonrjunior4@gmail.com



isso, pelo menos, o reconfortava. Amaldiçoava o governo, o vírus, os chineses, os comunas e principalmente os vagabundos que, por não quererem trabalhar, quebraram o Brasil. Da fúria de Ivanildo Santana, só ele próprio escapava.

Também recebera, certa feita, uma merreca para espalhar panfletos denunciando as falcatruas por trás das vacinas chinesas, o que fez com prazer e se sentindo vingado a cada papelzinho entregue aos transeuntes da Av. Agamenon Magalhães, mas isso já fazia tempo demais. Nessa época, a pandemia ainda era notícia fresca, ainda se tinha alguma esperança de melhora na forma daquelas vacinas que nunca impediram o contágio de crescer. Se lhe perguntassem, ele nem saberia dizer quantos anos faziam desde a Revolta da Vacina II. Foi quando os saques começaram e, de lá para cá, se tornaram cada vez mais elaborados e corriqueiros na mesma medida. Quando as doses de Oxford, de Harvard, do Butantan, da Johnson & Johnson e da torcida do Flamengo, liberadas para a população a conta-gotas, se provaram placebos inúteis, os vagabundos voltaram os olhos para os estoques de alimentos e desde então foi só ladeira abaixo. A lei marcial nunca veio, por mais que Ivanildo protestasse furiosamente com disparos de whatsapp e conclamações ufanistas. Aqueles que deviam adorar a pátria à própria morte não ergueram da justiça a clava forte, fugiram à luta e deixaram o Brasil ser dominado por bandidos e terroristas.

Mas essas eram águas passadas. Santana abandonara a luta patriótica no exato momento em que ela saiu das redes sociais para as ruas. Desertou, entregou os pontos – nos grupos virtuais, foi dado como desaparecido em combate – e foi viver a própria vida. Agora as coisas estavam nos trilhos para melhorar, principalmente depois que foi admitido no plantel de uma empresa de segurança privada de verdade, daquelas com CNPJ e tudo conforme a lei, uma das poucas que ainda restavam. Graças a um confronto malfadado com militantes da UCON, que resultou num considerável, mas confidencial, número de baixas na empresa, havia finalmente uma nova leva de vagas no mercado e Ivanildo agarrou a oportunidade com unhas e dentes. O emprego não era de forma alguma um mar de rosas ou um grande avanço em relação aos jobs anteriores – a bem da verdade, seu único direito trabalhista era o direito de trabalhar – mas não ter que se preocupar em ser ou não chamado no dia seguinte era reconfortante tanto para ele quanto para o coração já fraco de Dona Zélia.



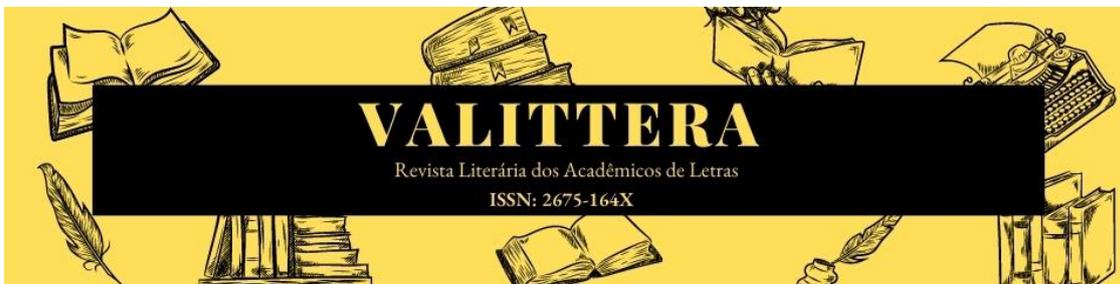
O dinheiro estaria garantido ao fim do mês, tão certo quanto a planeza da Terra. Além disso, a empresa pagava em bitcoin, que era muito mais seguro e valioso que o real. Na cotação atual, um real estava valendo uns três femtobitcoins; trinta elevado a menos quinze – não que isso importasse para Santana, que ainda se confundia com o fato de carteira de bitcoins não poder ser guardada no bolso.

Na segunda semana no novo trabalho, tudo seguia em paz. Ele fazia a segurança de uma unidade do Sttyllo Supermercado no shopping Tacaruna. A rede Sttyllo, aliás, havia canibalizado todas as franquias de varejo em Pernambuco, inclusive as multinacionais. A rotina era uma uva: cerca de sete tentativas de furto por dia, apenas, sem assaltos à mão armada. Muito abaixo da média do estado. Às 22h, como já estava se acostumando a fazer, dava uma última checada nos corredores e nos banheiros à procura de algum morto de fome planejando passar a noite lá dentro, deixava arma e equipamento no cofre, batia o ponto e ia embora. Naquela terça não foi diferente.

Se antes o horário de saída dos peões de shopping era sinônimo de paradas lotadas e ônibus que refutaram o princípio da impenetrabilidade da matéria, o mesmo não acontecia no Recife pós-pandêmico. A maioria das lojas dos shoppings tinha fechado as portas com a recessão e as poucas que restaram não sobreviveram aos saques. Baixo poder aquisitivo e baixo senso moral não fazem bem aos negócios. No Tacaruna restavam apenas o Sttyllo e outros boxes de comércios essenciais, as lojas restantes foram transformadas em estoque e eram fortemente guardados dia e noite.

Quando Santana saiu do shopping, não havia nem lua no céu. Os postes de luz ou estavam apagados ou no último gás e também não ajudavam muito. No escuro quase absoluto, ele estreitou os olhos para a avenida em busca de um letreiro luminoso; nada até então. Ainda dava para pegar o BRT das 22:15, então ele atravessou rapidamente o breu do estacionamento, cruzou a avenida e adentrou o breu da estação Tacaruna de BRT.

Sinônimo de avanço e de fracasso, bastião do futuro e da ruína, símbolo de tudo o que há de errado na região metropolitana do Recife: eis o BRT. Quando fora inaugurado no longínquo ano de 2014, o sistema de Bus Rapid Transit era cotado como o derradeiro passo



da cidade em direção ao primeiro mundo; era ocasião de Copa do Mundo e o governo do estado queria impressionar os gringos com um plano de mobilidade padrão FIFA. Passados mais de dez anos, o que havia sobrado eram as carcaças vandalizadas de ônibus caindo aos pedaços e estações depredadas, sem iluminação nem segurança, cujos fios elétricos e placas metálicas há muito já haviam sido arrancados e trocados por crack, onde passageiros partilhavam o espaço com mendigos, cheira-colas e prostitutas. As estações, costumava dizer Santana nas rodas de conversa, fediam a mijo e detefon – que era como se chamava popularmente a substância pulverizada pelos carros do Comitê Emergencial de Saúde para higienizar as ruas três vezes ao dia.

A estação Tacaruna era, de longe, a pior que ele já tivera o desprazer de frequentar. As outras eram uma merda, mas aquela era ainda mais pixada, ainda mais mijada, ainda mais escaldante e ainda mais perigosa. Gente de bem era espécie em extinção no centro do Recife e adjacências e ali, em meio a uma avenida deserta num bairro semidesabitado, o buraco era mais embaixo. Pelo menos fardado Santana inspirava algum receio na vagabundagem, por isso só trocava o uniforme quando chegava em casa são e salvo. A pistola ficava no cofre do Sttyllo, mas o canivete no bolso na calça nunca lhe deixava na mão.

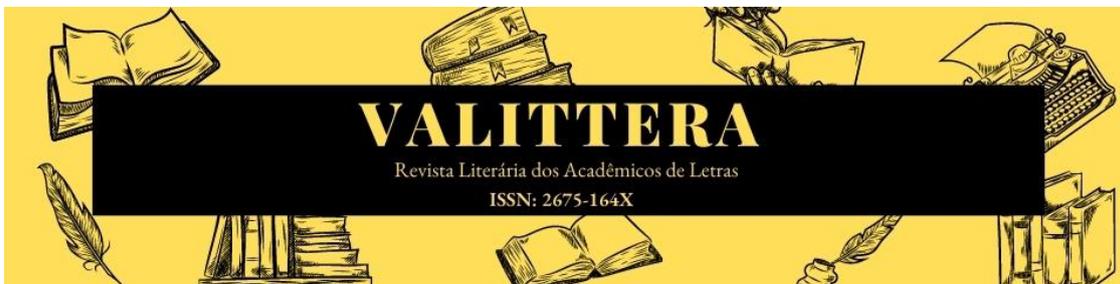
Entrando na estação, Santana passou seu cartão no leitor e girou a catraca. Lá dentro era tão escuro quanto o lado de fora, a única luminária que ainda era alimentada pelos fios de cobre restantes piscava num ritmo irregular e a penumbra da sua luz opaca fluía para escuridão total cada vez que ela apagava. Num dos intervalos com luz, ele aguçou o olhar e estirou o pescoço adiante, vasculhando a estação em busca de vivalma. Não viu ninguém.

No bolso, seu smartphone tocou. Antes de puxar o aparelho, girou nos calcanhares e encarou a entrada da estação só para garantir que ninguém o surpreenderia. Atendeu sem nem olhar para a tela, pois já sabia quem era antes mesmo que a voz doce e trêmula lhe chamasse pelo apelido de infância.

— Nido?

— Bença, mãe.

— Deus te abençoe, meu filho. Já tás vindo?



— Já, sim. Chego já.

Desconfiado, Santana ainda fitava fixamente as catracas de entrada. Por mais que smartphones estivessem a preço de banana na Feira do Troca™, não queria perder o seu por vacilo.

— Tás de máscara?

— Sim.

— Tás mesmo?

Ele hesitou, acomodou o aparelho no ouvido.

— Não.

— Ô, Nido! Quero ver se tu vais fazer 40 anos e eu vou ter que ficar te lembrando das coisas. Só não esquece a cabeça porque tá colada no pescoço.

— Esqueci, mainha, calma.

— Bote a máscara, meu filho. Se essa doença te pega, vai eu e tu pra Amaro Bocão.

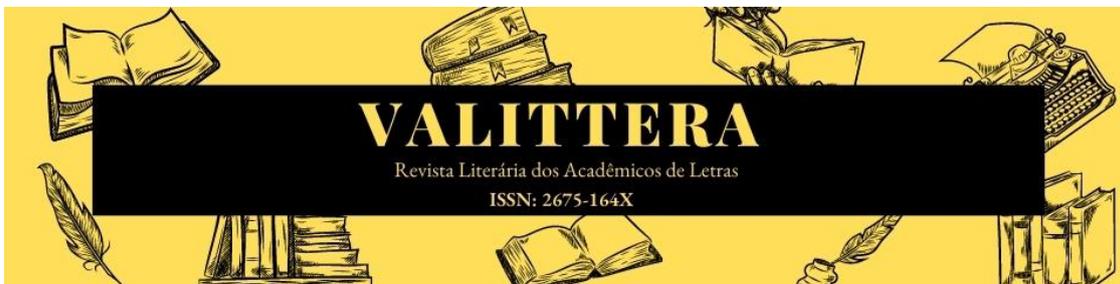
— Vou botar, deixe disso.

Não, ele não iria. Mesmo se quisesse, o que não era o caso, a máscara havia ficado no trabalho.

— Tá certo. Beijo, meu filho.

A verdade era que Santana esquecia a máscara até demais. Dez anos usando-a e ainda odiava a forma como ela esquentava a cara, dificultava a respiração e fazia sua barba coçar. Trabalhava de máscara a pulso, só porque era obrigado, mas não perdia uma oportunidade para dar uma abaixadela e respirar o ar puro com aroma de detefon. Também não confiava muito na eficácia daquele unguento pedaço de pano que, por força de milagre, o protegeria de um vírus que supostamente matava milhares por dia.

Sem dar chance para o azar, ele enfiou o smartphone no bolso rapidamente, aproveitando para dar mais uma olhadela para checar se o BRT chegava. Quando deu meia



volta, um susto: alguém estava às suas costas, como se esperasse que sua ligação chegasse ao fim. Sobressaltado, Ivanildo Santana recuou uns dois passos, os olhos atentos e a mão ligeira alcançando o canivete no bolso de trás da calça.

— Tem horas aí? — era um menino. O menino mais estranho que ele já vira na vida.

— Tenho não — foi a única resposta que o susto permitiu que saísse.

A primeira pergunta que atravessou a mente de Santana era óbvia: por onde aquele menino entrou na estação? Ele era a única pessoa ali, tinha se certificado logo que chegou e, além disso, esteve virado para a entrada todo o tempo em que falava ao celular. Um calafrio subiu-lhe a espinha, mas ele não deixou transparecer. Onde já se viu um homem feito com medo de um menino magrelo, pálido e todo guenzo daquele? Numa segunda olhada, percebeu alguns traços estranhos nele: cabelo raspado e cheio de falhas, olhos vidrados e avermelhados e andrajos que pareciam ser os restos de uma bata hospitalar que já fora branca um dia.

— Tem sim — insistiu o menino, — te vi no celular.

Santana não respondeu. Sem muita cerimônia, afastou-se na direção da porta de vidro que daria acesso ao BRT quando ele chegasse.

— Só quero saber a hora.

— Umas dez e pouco.

O menino parecia decidido a puxar assunto, caminhou até Santana. Seus passos eram silenciosos como ele se sequer estivesse lá.

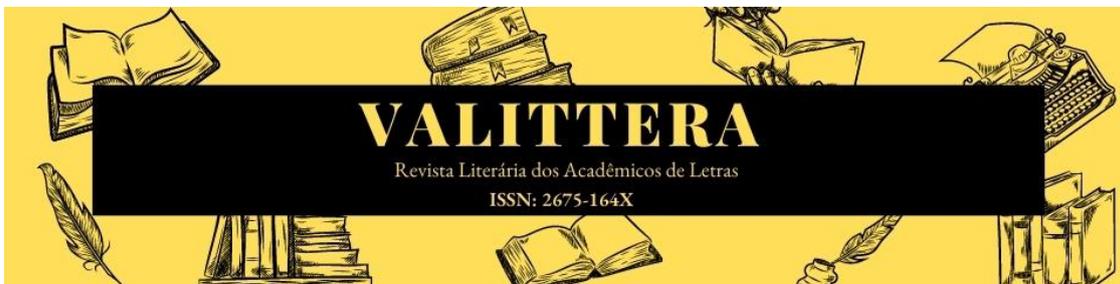
— Visse a média de mortos hoje?

Sem resposta.

— Visse?

Santana manteve o olhar fixo na rua além do vidro trincado de pedradas.

— Pega quem tem que pegar, menino. Morre quem tem que morrer.



— Oito mil e cacetada. Recorde do ano. E sabe quantos morreram na China hoje?

— Quantos? — Santana finalmente tornou a olhar para o menino por cima do ombro. A pauta lhe interessava.

— Zero. Morre quem tem que morrer? Tem certeza?

— Saiu barato pra eles, hein? — comentou Santana entre os dentes. — O mundo acabando e eles aí na maior.

O silêncio reinou por um instante. Santana estreitou os olhos para a avenida, nem sinal do BRT.

— É por isso que eu gosto de tu, Nido. É um cara que sabe das coisas.

— Como tu sabe meu nome, menino?

— Ouvi na ligação.

— Não estava no viva-voz... — Santana finalmente se virou para o menino, sondando-o de cima a baixo.

— Minha audição é boa — o menino coçou uma das falhas em seu cabelo raspado. Era perfeitamente redonda e, no centro, tinha um furo de agulha grossa. O sangue coagulado não era vermelho. Quando o piscar da luz permitia, o que Santana via era púrpura.

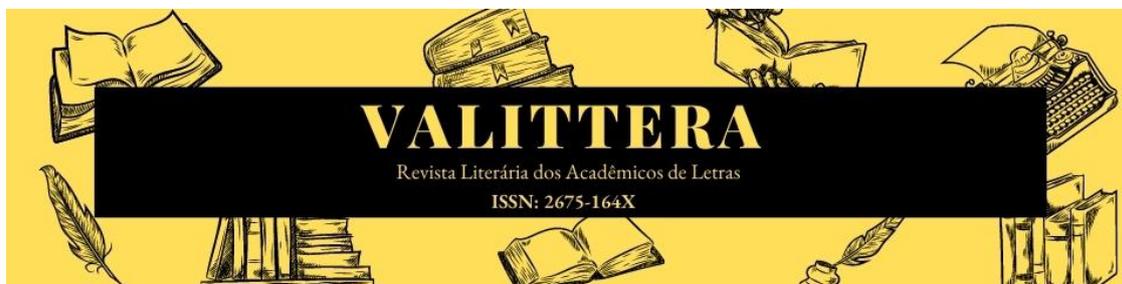
— Tais indo pra onde?

— Canto nenhum. Tô exatamente onde eu quero.

Aquele papo de doido foi a gota d'água. Ivanildo Santana não se conteve diante do absurdo da situação e se afastou do menino a passos largos, olhando para trás para ver se era seguido. Seu coração batia forte e ele nem sabia o porquê, não era muito bom com emoções que não fossem ódio.

— Precisa ter medo não, Nido — o menino tentou tranquilizá-lo lá mesmo de longe.
— Eu gosto demais de tu!

— Tu não me conheces, boy! Que porra tu queres comigo?



— Conheço sim! — protestou o menino com um passo à frente. — Conheço sim, senhor, e muito bem. Conheço suas ideias, sei o que você defende e também sei que você sempre esteve certo desde o começo!

— Certo? Em quê?

— Em tudo! Nido, eu sei e tu sabe que esse vírus é uma arma biológica — a cada passo espectral, o menino se aproximava mais do que deveria. Ele deslizava pela penumbra da estação. Quando a luminária se apagava, seus olhos brilhavam rubros como faróis do inferno.

Santana estava mudo, estático, sem reação. A cada devanescer da luz, ia-se embora com ela sua respiração. De súbito, uma forte vertigem lhe acometeu. Sentiu o corpo sem peso, como se tivesse escorregado pela borda antártica e caísse infinitamente pelo oceano primordial.

— É verdade. Eles não queriam enxergar, mas você estava um passo à frente. Sempre esteve, homem. E digo mais: essa não é nem a arma mais potente.

— Mais potente? — repetiu Santana, a voz trêmula.

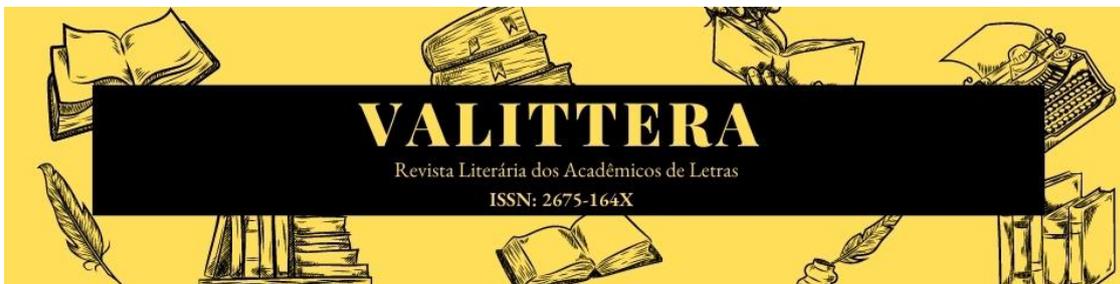
— Eu acompanhei sua luta, guerreiro. Você sabe o que tem que fazer, só não tem os meios — uma sugestão de sorriso surgiu nos lábios rachados do menino, — ainda.

— Que meio? — arfou Santana, — meio de quê? — sua cabeça girava como um caleidoscópio. Seu coração parecia rasgar o peito. Às pernas faltava força.

E nada do BRT chegar.

— De contra-atacar, meu patriota! De derrubar a agenda globalista, a China, os judeus, os comunistas, essa pandemia de faz-de-conta. De mostrar ao mundo a verdade!

Por um momento, aquele vazio dentro de Santana, que até então exultava horror, se encheu de uma genuína esperança. Será mesmo?, pensou ele num lapso de clareza. Poderia aquele estranho menino lhe dar os meios para realizar tais feitos? Teria mesmo chegado a hora de se transformar no herói que ele sempre soube que era? Ivanildo Santana lutara a boa



luta, compartilhara tudo o que lhe fora ordenado, digitara amém em todas as postagens, floodara os comentários dos jornalecos de esquerda, pintara as melhores fotomontagens difamatórias, subira as hashtags... e finalmente seria recompensado?

Finalmente...?

— Mas por que eu? — perguntou ele com um singelo sorriso de lisonja querendo brotar na cara suada.

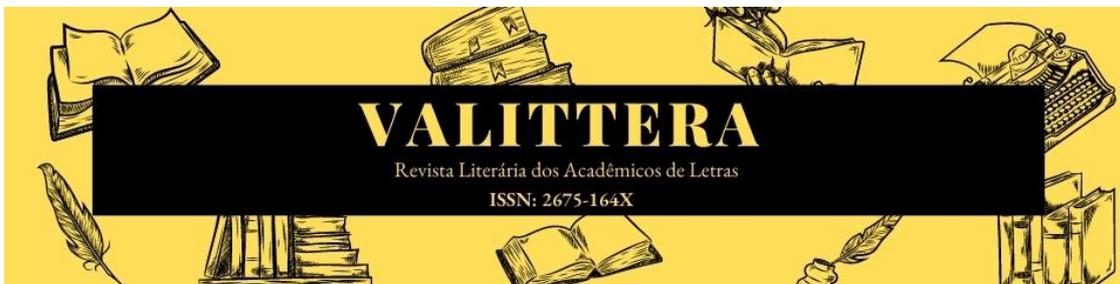
Tão repentinamente quanto lhe invadiu o medo, ele se sentiu encabulado pelo reconhecimento de sua árdua batalha contra a degeneração, o verdadeiro vírus que exterminava cidadãos de bem e ameaçava a Família Tradicional Brasileira™.

— Por que eu?! — ecoou, regozijando-se ao antecipar o que faria com comunistas, liberais, esquerdopatas, feministas e demais pústulas malignas que corrompiam a ordem e a moral assim que pusesse as mãos nos meios.

O menino estacou à sua frente, abriu os braços e mostrou-lhe um sorriso retorcido e podre, encravado de cacos de dente escuros e úmidos. Vapor de um roxo mórbido começava a lhe escapar pelos buracos onde faltavam dentes.

— Porque tu é o único idiota no Brasil inteiro que ainda insiste em não usar máscara.

Ele inspirou profundamente e expirou um longo fôlego pela boca desdentada. Seu hálito pútrido logo se transformou num miasma daquele vapor maligno que jorrava em abundância, entupindo as vias respiratórias de Ivanildo Santana assim que lhe chegou à face. Sem máscara, sem proteção. Ao respirar aquela insólita substância, o mais novo encarregado da segurança do Sttyllo Supermercado sentiu uma ânsia que trouxe o jantar de volta à garganta misturado aos ácidos de seu estômago. O fedor era insuportável a ponto de lhe fazer arquear o corpo e se contorcer, fechando-se em si mesmo. Sua mão cobriu a boca num vão esforço para impedir que o vômito escapasse. Nariz e olhos ardiavam como se borrifados de água fervente, veneno ou soda cáustica.



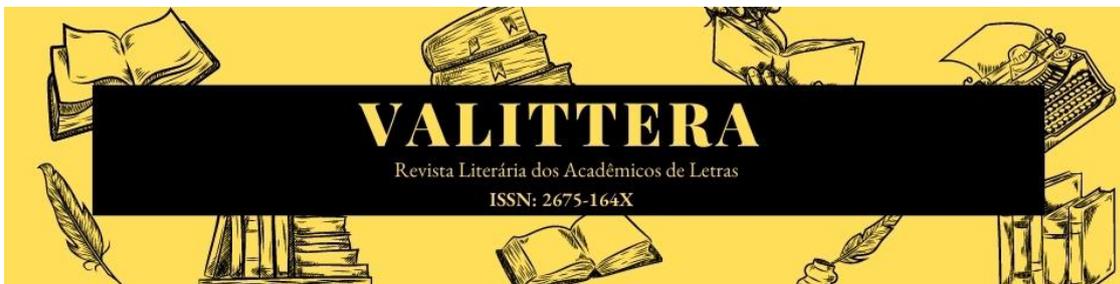
— Intervenção já, meu guerreiro — sussurrou o menino, incólume em meio ao miasma púrpura que agora tomava toda a estação hermeticamente fechada, sem ventilação, sem saída. Um caixão de vidro e aço.

Incapaz de suportar o próprio peso, Ivanildo Santana tombou contra o piso da estação de BRT Tacaruna. Sentia coceira pelo corpo inteiro e tentava se coçar com as mãos untuosas do próprio vômito, mas a agonia não passava. Não passava. A coceira era dentro, como vermes rastejando por baixo de sua pele. Vermes irrequietos, marchando com urgência num fluxo migratório que tinha destino certo: a base de sua coluna cervical. Suas unhas, crescendo em tamanho, rasgavam a pele em brasa das costas tentando aquietar aquela agonia, mas quando os vermes finalmente se encontraram no mesmo ponto, ele desejou voltar a senti-la, pois a dor que tomou seu lugar era indizível. Rolou de bruços quando seus ombros começaram a inchar, rompendo seu uniforme, e ali desfaleceu como bicho morto. Como o próprio Ivanildo, ou o que restara dele, a estação caiu no mais pleno silêncio. O único som que ousou quebrá-lo, após instantes que pareciam eras, foi o pulsar ritmado do tumor que se formara no topo das costas daquela grotesca criatura; bulbo de carne, sangue e pus, botão de uma flor do mal.

O último pensamento que teve Ivanildo Santana, de cara no chão imundo, logo antes de seus olhos e ouvidos estourarem e tudo cair no completo silêncio e na completa escuridão, foi algo que pensava todos os dias quando colocava os pés para fora da cama no quartinho da casa da mãe: calma tá tudo bem é só uma gripezinha ok sem mimimi.

* * *

O BRT, ônibus de transporte rápido que levaria a cidade do Recife para o futuro com apenas uma passagem de tarifa única no valor de R\$ 2,15, chegou à estação pontualmente às 22:47 com apenas 32 minutos de habitual atraso. Quando a porta de vidro se abriu num rangido de dobradiça velha daqueles que dá para sentir o sabor da ferrugem na boca, ninguém desceu. Ninguém nunca descia ali no meio do nada. Só Ivanildo Santana subia para encontrar



um ônibus superlotado com rumo ao centro do Recife. Naquela noite, o BRT estava lotado como de costume, mas quem subiu na estação Tacaruna não foi Ivanildo Santana, filho de Dona Zélia.

Ele, ou melhor, aquilo, tinha pelo menos dois metros de altura, dois e dez se contar a corcunda purulenta que pulsava atrás de sua cabeça recoberta pelo cabelo ralo e quebradiço. Tinha a pele coriácea de um cinza morto, exceto nos pontos em que a carne viva estava exposta, vibrando com o sangue venenoso que corria em suas veias. Os monstruosos braços, tão grandes que arrastavam no chão, terminavam em navalhas oblíquas onde deveriam ser suas unhas. Os olhos, rubros como os do menino, não fitavam particularmente coisa nenhuma, mas viam claramente a verdade.

Quando as portas do ônibus se abriram, aquilo emergiu do breu da estação e abriu caminho pela aglomeração de passageiros com suas garras, cortando, sulcando e lacerando carne, membros e vísceras até encontrar uma brechinha para se encaixar e alcançar a barra de apoio com seus longos braços mutantes. O botão de carne em suas costas desabrochou num jorro supuroso, vertendo o miasma purpúreo que em poucos instantes tomou o espaço do ônibus na forma de uma nuvem pestilenta, invadindo a respiração uníssonas daquela massa de seres humanos apinhados uns contra os outros; vivos, mortos e moribundos. Era o pólen que espalharia a verdade pelos quatro cantos do disco terrestre.

Tinha início a derradeira missão daquele fiel soldado, sua saga, seu mito. Com um ronco do motor potente e vigoroso, a carroceria Marcopolo Viale vibrou. As portas se fecharam, engatou-se a primeira marcha e o BRT partiu.